

Watu conta um conto

Watu tell the tale

Sarah Rodrigues Damiani¹
(UFES)

Paula Barbosa²
(UFES)

Stela Maris Sanmartin³
(PPGA-UFES)

Resumo: A partir do campo das interartes, o presente ensaio apresenta um trabalho de foto-performance denominado “Watu conta um conto”. Realizada sobre as margens do Rio Watu, popularizado como Rio Doce, em Colatina-ES, a proposta é elaborada entre o movimento da performer e a captura da fotógrafa. É de pretensão do presente trabalho explorar a imaginação do espectador, associando símbolos e imagens de forma sensível.

Palavras-chave: fotoperformance. partilha do sensível. imaginário. paisagem onírica. rio Watu.

Abstract: *From the field of interarts, this essay presents a photoperformance work called “Watu tells a tale”. Held on the banks of the Watu River, popularized as Rio Doce in Colatina-ES, the proposal is created between the movement of the performer and the capture of the photographer. The aim of this work is to explore the viewer's imagination, associating symbols and images in a sensitive way.*

Keywords: *photoperformance. haring of the sensitive. imaginary. dreamscape. Watu river.*

DOI: 10.47456/col.v14i24.46618



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0

¹ Professora e artista. Mestranda em Artes no programa associado de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciada em Artes Cênicas pela Universidade de Vila Velha (UVV). Membro do Grupo de Extensão e Pesquisa Criatividade, Educação e Arte, GEPCEAr. Associada da Associação Brasileira de Criatividade e Inovação, Criabrasilis. Atualmente é Contadora de História, Pernalta e Professora de Teatro para Crianças. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2350831876354777>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5838-8923>.

² Professora, Artista e Fotógrafa; Mestranda em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo; Especialista em Artes na Educação pela Faculdade de Vitória (2020); Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2014-2020); Graduada em Fotografia pela Universidade de Vila Velha - UVV (2011-2013). ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9224-2200>.

³ Pós-doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília, UnB. Coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Artes, Professora do Departamento de Artes Visuais, Coordenadora do Grupo de Extensão e Pesquisa em Criatividade, Educação e Arte, GEPCEAr na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7276-0584>.

Primeiros sinais

“Watu conta um conto” é um trabalho de foto-performance realizado em 2024, sobre as margens do Rio Watu, popularizado como Rio Doce, em Colatina-ES. Inspiradas por Rancière (2009), a performer e a fotógrafa nos convidam a pensar em uma arte sensível e política. Diante de um cenário de urgências, o trabalho propõe lançar novas imagens e sentidos para a paisagem do rio. Explora-se, como processo de criação, um jogo plástico entre a personagem brincante e o panorama deserto dos bancos de areia. Brincar, como bem pontua Gargiulo (2019) é um ato marginal. “O brincar é marginal, e junto com ele os sujeitos que dele tomam parte. Por meio do brincar, não produzimos outra coisa que não a nós mesmos, nossa existência e expressão no mundo” (Gargiulo, 2019, p. 202). O corpo que se move na performance é, portanto, um índice de passagem brincante, que explora, por meio do movimento, o campo da imaginação.

Regina Machado (2015) concebe a imaginação como atributo das pessoas que sonham. Nesse sentido, partindo do campo das interartes, as artistas do presente trabalho elaboram, por meio do registro cênico, um cenário onírico, delineado pelas forças imaginantes de um corpo em transformação.

O registro do trabalho é assumido a partir do desejo da fotógrafa em documentar o seu entorno. Nessa direção, entendemos como documento a perspectiva do sociólogo José de Souza Martins (2017), que destaca: “A fotografia documenta as mentalidades de quem fotografa, de quem é fotografado, e de quem a utiliza, problemáticas agregações à sua polissemia” (Martins, 2017, p. 58). Desse modo, assumimos a fotografia como um reflexo das subjetividades e registro das possibilidades imaginárias.

Por que partilhar o lúdico em consonância com o caos? O presente ensaio convida o leitor a construir uma nova estrutura imaginária, aproximando o desejo onírico de um cenário preenchido por crise ecológica, desigualdade e racismo ambiental. Como ver e fazer ver novas

construções simbólicas? Assumindo a fotografia como elemento de criação subjetiva, torna-se pertinente nos debruçarmos sobre a imaginação da matéria, presente na obra de Bachelard (2018). No livro “A água e os sonhos”, o autor destaca: “Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica” (Bachelard, 2018, p. 5). Mais adiante, a sentença é complementada: “O sonhador que vê passar a água evoca a origem legendária do rio, sua fonte longínqua” (Bachelard, 2018, p. 158).

Considerando que as águas de fonte longínqua, assim como as águas do Rio Watu, evocam a imaginação dos sonhos, como esta imaginação se configura com o cessar das águas e a transformação da paisagem? As ações que ameaçam as formas de vida também têm ameaçado a nossa imaginação? É de pretensão do presente ensaio visual fazer pensar estas questões. Acreditamos que a arte seja um caminho possível de diálogo entre o real apresentado e o impossível imaginado.



Figura 01. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é disposta com o leito de um rio seco, com alguns arbustos e árvores nas margens. O céu é um azulado claro e possui nuvens. O enquadramento é aberto e prioriza a visualização da margem arenosa do rio.



Figura 02. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. O cenário da imagem se repete, mas agora, uma performer trajando um pano verde aparece no centro da paisagem, de costas para a fotógrafa. A artista veste uma cartola por baixo do pano e o tecido envolve seu corpo. O enquadramento se mantém aberto.



Figura 03. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, mas o enquadramento é fechado, aproximando a performer da fotógrafa.



Figura 4. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, mas a performer se posiciona no canto esquerdo da foto, seu corpo está inclinado da esquerda para direita, seu rosto aparece como o condutor do movimento.



Figura 05. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, mas a performer se posiciona no centro da foto. Seu corpo está de costas para a fotógrafa, seus braços são abertos, criando maior plasticidade para o tecido que se movimenta pelo vento do ambiente.



Figura 06. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, a performer continua no centro, mas aparece agachada de frente para a fotógrafa. Seu rosto se posiciona para o canto esquerdo da imagem.



Figura 07. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, mas a performer direciona o rosto para o canto direito da foto. Seu joelho é levantado lentamente, criando uma plasticidade diferente das demais imagens.



Figura 08. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, a performer continua no centro com o rosto direcionado para o canto direito da foto, mas agora seus braços estão abertos e o tecido apresenta um volume maior.



Figura 09. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é similar à anterior, mas a performer se posiciona agachada no centro da foto olhando para a fotógrafa. Sua perna direita aparece descoberta do tecido.



Figura 10. Documento de Performance “Watu conta um conto”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2024. A imagem é capturada de um ângulo diferente. Não aparece a margem arenosa do rio. A performer aparece da cintura para cima, de forma centralizada. Seu rosto está de frente para a fotógrafa, mas seus olhos estão fechados. O céu se sobressai.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. 3°. ed. São Paulo: Wmf martins fontes, 2018.

GARGIULO, Victor. **Brincando sobre o abismo**: O brincar enquanto poética para performance digital. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro UFBA, [S. /], 2019.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1. ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: estética e política. 2°. ed. São Paulo: 34 Ltda, 2009.

Recebido em: 03 de novembro de 2024.

Publicado em: 30 de dezembro de 2024.